

ensaiaando uma
polifonia polilocal na produção de
conhecimento acadêmico
rehearsing a polylocal polyphony
in academic knowledge
production
chiara del gaudio,
andrea botero,
alfredo borrero

PT | EN

Chiara Del Gaudio é designer, Doutora em design. Professora de Design, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Estuda design participativo e colaborativo, inovação social, design estratégico, a ação do designer em áreas urbanas frágeis e afetadas por conflitos.

Andrea Botero é designer. Pesquisadora do Departamento de Ciência do Processamento da Informação, na Universidade de Oulu. Estuda Serviços, mídia e tecnologias para comunidades.

Alfredo Gutiérrez Borrero é zootecnólogo, especialista em docência universitária. Professor Associado de Design Industrial, da Universidad Jorge Tadeo Lozano. Membro permanente do Conselho Editorial da revista *Proyectodiseño*, desde 1995.

Como citar esse texto: DEL GAUDIO, C.; BOTERO, A.; BORRERO, A. G. Ensaiaando uma polifonia polilocal para produção de conhecimento acadêmico. *V!RUS*, São Carlos, n. 17, 2018. [online] Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus17/?sec=4&item=6&lang=pt>>. Acesso em: 16 Dez. 2018.

ARTIGO SUBMETIDO EM 28 DE AGOSTO DE 2018

Resumo

Neste artigo, refletimos sobre possibilidades e formas alternativas para processos de produção de conhecimento acadêmico que sejam colaborativos e participativos, bem como sobre suas potencialidades. Em particular, analisamos o conceito de polylogue e como o usamos para experimentar um formato para a produção coletiva de conhecimento, ao atuar como editores convidados de um número especial do *Strategic Design Research Journal* (SDRJ). Descrevemos as motivações e origens do nosso polylogue experimental e apresentamos seus processos e desafios. Concluímos propondo que um polylogue torna pública e acessível meta-reflexões e conversas, pois promove a poligamia comunicativa, a polifonia de posições e um fórum policardinal. Estas três situações articulam algumas das possibilidades e limitações deste formato, que precisamos continuar a explorar e ensaiar.

Palavras-Chave: Colaboração, Produção de conhecimento, Periódicos acadêmicos, Polylogue, Escrita científica

1 Introdução

O número especial *Designing, sensing, thinking through autonomia(s)*, publicado em agosto de 2018 pelo *Strategic Design Research Journal* (SDRJ), apresenta uma seção especial chamada **polylogue**. Este **polylogue** é, em termos práticos e diretos, uma conversa coletiva multi-autoral tecida conjuntamente por meio de comentários e pelo processamento coletivo de vários textos escritos individualmente, discutindo a Chamada de Trabalhos desse número especial. Os autores dos textos participaram ativamente na produção de conhecimento de cada um, e colaboraram, trabalhando juntos e compartilhando suas contribuições para um

objetivo comum ao longo do processo da chamada e do seu resultado. Além disso, optamos por tornar públicas e visíveis algumas partes do processo de pensamento, assim como os recursos que, individual ou coletivamente, disponibilizamos de forma plural para materializar nossa participação. O *polylogue* é o resultado de uma busca contínua por espaços de intercâmbio, coprodução e crescimento colaborativo dentro da academia e, no nosso caso específico, no âmbito da comunidade de pesquisa em Design. Trata-se de uma atividade experimental para entender o que é necessário para produzir e fomentar este tipo de espaços participativos para produção de conhecimento, para a tomada de decisões e para a atividade cotidiana do Design.

Nosso interesse em explorar novos formatos emerge de dois problemas interligados. Por um lado, como pesquisadores, temos percebido e vivenciado a atual falta de espaço de discussão e de produção coletiva de conhecimento em diversos ambientes acadêmicos e científicos. Por outro lado, como estudiosos e profissionais do design participativo (PD), temos experimentado maneiras de criar espaços públicos onde vozes diferentes e divergentes podem se expressar em processos de design. Notamos que houve uma dissonância entre nossas formas de atuação e engajamento: os relatos acadêmicos pareciam mais solitários e restritos do que nossas práticas de design. Poderiam as práticas participativas informar melhor nossas práticas de produção de conhecimento?

As limitações e a crise dos atuais processos de produção e comunicação do conhecimento no ambiente acadêmico vêm ganhando atenção em diversos âmbitos. Existem muitos fatores envolvidos nisso. Um dos principais aspectos-chave da crise diz respeito ao tempo. Como apontam Berg e Seeber (2016), o processo de corporativização pelo qual as universidades vêm passando fez com que os processos fossem valorizados em relação à sua capacidade produtiva. Franck Donoghue (*apud* BERG; SEEBER, 2016, p. 8) enfatiza como "as categorias de mercado de produtividade, eficiência e competitividade, e não inteligência ou erudição, já impulsionam [...] o mundo acadêmico". Como consequência, parece haver uma falta de recursos para pesquisar e para iniciarem-se processos coletivos de produção de conhecimento. Os processos participativos de produção de conhecimento exigem recursos tangíveis e intangíveis, que levam tempo para se desenvolver e cujo retorno não é imediato. Exigem também atitudes que favoreçam as dimensões coletivas em vez das individuais. Tais processos precisam ser estimulados e nem sempre cabem confortavelmente no âmbito das métricas estritas de produtividade.

Um segundo fator decisivo que contribui para este fenômeno é a estrutura dos eventos científicos. Em nossa própria área de Design, podemos observar ampla oferta e proliferação de eventos acadêmicos que, no entanto, servem principalmente como locais de divulgação. Apenas alguns deles são projetados para promover discussões e trocas reais, já que apenas alguns prevêem tempo suficiente para uma discussão intensa e aprofundada dos trabalhos apresentados. A maioria dos eventos abre espaço para apresentação do maior número possível de artigos. Por exemplo, é comum organizarem-se muitas sessões paralelas, alocar um tempo curto para apresentações, e um tempo ainda menor para perguntas. Como participantes de vários desses eventos, também observamos que o tempo para perguntas raramente é usado para debates construtivos. Em vez disso, as pessoas parecem insistir mais em pedir detalhes. Esta é uma dinâmica que, em nossa opinião, não constitui uma troca, mas sim um processo de doação unilateral.

Além da falta de tempo e das estruturas problemáticas dos encontros presenciais, os periódicos e os fóruns, que são espaços por excelência para o avanço do conhecimento e da comunicação, assincronamente também se tornam barreiras. De fato, as revistas acadêmicas tendem a atuar como meios unilaterais de comunicação. Com notáveis exceções, os artigos de periódicos acabam sendo considerados como espaços através dos quais certos indivíduos, os autores, elaboram suas descobertas e expressam pensamentos sobre um tópico específico, e os direcionam para outras pessoas, o público. É claro que o público pode ler, aprender e, eventualmente, conseguir implementar esse conhecimento. No entanto, na maioria dos periódicos da nossa área, não há espaços para trocas mais significativas, nem para produção de conhecimento colaborativo entre pesquisadores. Há, é claro, uma troca entre revisores e editores, e com autores cujos trabalhos precisam ser melhorados. São-lhes dadas sugestões para ajudá-los a melhorar a qualidade dos seus trabalhos, ou, em casos específicos, o leitor pode entrar diretamente em contato com os autores, por iniciativa própria. Tais tipos de trocas não são documentados nem incluídos no projeto original do *modus operandi* de uma revista. Chamadas à Trabalhos configuradas com base em tópicos específicos constituem uma situação particular. Chamadas específicas permitem que os envolvidos obtenham contribuições e informações (através de artigos) sobre outros que trabalham com questões semelhantes. No entanto, esta é, novamente, uma maneira muito unilateral de troca.

De um modo geral, mesmo que os periódicos permitam comunicar pesquisas, eles também fortalecem formas particulares de argumentação e ideias específicas de autoria, fáceis de medir. Por essa razão, eles constituem uma das medidas de avaliação de produtividade preferidas nas áreas científicas. Além do impacto da medição, no atual panorama acadêmico da pesquisa em design, os periódicos também valorizam tipos específicos de produção de conhecimento: conhecimento codificado em textos escritos e comunicados principalmente em Inglês. De um lado, isso significa que os artigos devem ser escritos de acordo com convenções e lógicas próprias à língua inglesa. Essas lógicas tornaram-se um padrão para a racionalidade científica (VISVANATHAN, 2009) e põem em perigo a pluralidade. O predomínio do Inglês traz consigo várias oportunidades enquanto impede que pesquisadores (e o design) adotem formas mais participativas, inclusivas, transculturais, interdisciplinares e transdisciplinares de produção e comunicação de conhecimento. Essa situação impede,

ainda, contribuições de pesquisadores que não dominam o idioma inglês, ou cuja cultura e práticas não se encaixam no inglês, nem na sua racionalidade científica específica. Ao menos na pesquisa em Design, há um predomínio de certos debates, teorias e preocupações do Norte global, que excluem ou invisibilizam as vozes laterais e do Sul (ver PÉREZ-BUSTOS, 2017 para questionamentos similares). Isso, por sua vez, reflete-se na educação e na prática profissional, em que apenas certas teorias e debates são replicados por professores e monitores de cursos universitários de design, em todo o mundo. Levando em consideração os pontos acima, colocamos várias questões ao trabalhar em nossa edição especial. Como poderia a escrita de pesquisas acadêmicas em design ser mais inclusiva e participativa? Como poderíamos estimular o intercâmbio Norte-Sul e a participação, colaboração e troca de conhecimento? Como poderíamos encorajar a participação e a colaboração entre pessoas com interesses comuns, mas que não podem encontrar-se e trabalhar em conjunto devido a questões de infra-estrutura?

Ao longo dos últimos anos, temos trabalhado em configurações alternativas para eventos científicos: por exemplo, introduzindo mesas-redondas para discussão no Simpósio Brasileiro de Design Sustentável (SBDS) desde a sua quinta edição, e testando o formato das discussões *fishbowl* na *Participatory Design Conference*. Este artigo tem como objetivo apresentar um outro passo neste processo: a nossa tentativa de transformar revistas científicas em espaços de produção de conhecimento participativo e colaborativo através de campos dispersos de pesquisa em design. O experimento apresentado neste artigo busca questionar ideias simplistas de autoria, fomentar formas de colaboração na escrita acadêmica, e estimular a participação na produção de conhecimento de outros pesquisadores. Para isso, este artigo introduz um processo experimental de design, promoção e implementação de espaços de conhecimento colaborativo por meio de um "*polylogue*" (que se expande pelo diálogo) em uma revista científica.

2 *Polylogue*

A palavra *polylogue* é uma combinação de dois conceitos gregos: *poly* - que significa "muito, muitos" e *logos* - que significa "discursos" ou "razões". Ao desenvolver essa ideia, identificamos três referências que constituem as origens do termo para nós. Em primeiro lugar, nos referenciamos na linguista francesa Catherine Kerbrat-Orecchioni (2004), que usa esse termo para se referir a interações comunicativas entre múltiplos participantes. Em seu trabalho, ela identifica e questiona a tendência arraigada de se presumir interações comunicativas como algo que ocorre apenas entre dois indivíduos, o que leva à suposição de que essa forma de interação é o protótipo de todas as formas de interação. No entanto, como ela percebe que essa suposição é dificilmente questionada, Kerbrat-Orecchioni (2004) prefere usar o conceito de *polylogue*, em vez de diálogo, para chamar a atenção explicitamente para a multiplicidade.

A segunda origem pode ser rastreada até o trabalho do filósofo taiwanês Hsueh-i Chen (2010). Hsueh-i Chen toma emprestado o conceito de *polylogue* do filósofo austríaco contemporâneo Franz Martin Wimmer. Em seus trabalhos, *polylogue* representa um meio de superar o eurocentrismo no pensamento filosófico para a comunicação intercultural. Segundo Chen (2010), muitas (*poly*) palavras, vozes, discursos ou razões (*logos*) se cruzam de duas maneiras. A primeira é uma espécie de cacofonia ruidosa, na qual todos falam (ou escrevem) ao mesmo tempo e ninguém escuta (ou lê) ninguém, produzindo um estado de não comunicação ou troca. O segundo é mais otimista (e ideal), e considera o *polylogue* como um meio de conciliar e articular razoavelmente muitas maneiras diferentes de pensar. Como Chen (2010, p. 62) afirma, "identificar-se culturalmente não implica apenas lembrar o que já fomos", mas também implica que devemos nos reinventar.

O precedente nos levou à terceira origem, inspirada no trabalho do designer Fernando Álvarez Romero (2014). Álvarez Romero baseia-se no trabalho do filósofo e teólogo suíço Josef Estermann, que compara as tradições filosóficas do Ocidente e dos povos andinos (para mais informações, ver ESTERMANN, 2006, 2008). Com base nessa comparação, Álvarez Romero (2014) propõe que um *polylogue* deve operar em duas direções: primeiro, ele media entre diferentes culturas (através de uma abordagem intercultural similar às já apresentadas); segundo, ele articula o conhecimento produzido (na ciência, no empirismo, como sabedoria aplicada, bem como de tecnologias e técnicas de diferentes origens) para transformar não uma realidade, mas realidades; não um mundo, mas mundos. Nessa visão, participantes de um *polylogue* não podem presumir que um conceito específico possa ser definido dentro dos parâmetros de apenas uma certa cultura, porque senão expressões de outras culturas que não satisfaçam esta definição *a priori* poderiam ser facilmente (des-)qualificadas como "pensamentos mágicos", ou "etno-filosofia" etc.

Com base no exposto, o conceito de *polylogue* parece ser relevante para se repensar a produção e a comunicação científicas por meio da introdução sutil de um novo formato em um periódico acadêmico. Enquanto formato, o *polylogue* procura auxiliar a produção de conhecimento da qual participa uma multiplicidade de vozes. O ponto de partida pode ser um conceito (*autonomia*, no nosso caso, como veremos mais adiante), que pode ser desafiado ou melhor compreendido através da articulação de diferentes perspectivas. Desta forma, conceitos podem ser redefinidos através da interação de diferentes vozes, produzindo novos conhecimentos e promovendo crescimento profissional e pessoal para os envolvidos. Se fossem capazes de apoiar estes processos coletivos, os periódicos acadêmicos poderiam se tornar uma plataforma de transição em direção à valorização de formas plurais de se compreender a realidade, o conhecimento, assim como em direção a uma produção de conhecimento compartilhada e colaborativa, entre o interior e o exterior da academia. Essas foram algumas das premissas que guiaram nosso trabalho coletivo em direção a um *polylogue*, que descrevemos na próxima seção.

3 O número especial do SDRJ e o *polylogue*

Em janeiro de 2017, começamos a organizar uma Chamada de Trabalhos para o SDRJ sobre “*Autonomía | Design Strategies for Enabling Design Process*”, que poderia viabilizar o mapeamento de novas estratégias de design que visassem processos de design autônomos (BOTERO; DEL GAUDIO; GUTIÉRREZ BORRERO, 2017). A chamada respondeu a um entendimento particular do conceito de *autonomía* desenvolvido na América Latina, como um “processo cultural, ecológico e político que envolve formas autônomas de existência e tomada de decisão” (ESCOBAR, 2016, p. 141). Perguntamo-nos o que essa concepção particular de *autonomía* poderia significar a partir da perspectiva do design e do projetar. Se, segundo Escobar (2016), *autonomía* significa promover condições para que os coletivos possam efetuar mudanças e mudar de acordo com suas tradições, permitindo que “toda comunidade pratique o design de si mesma” (Escobar, 2016, p. 16), este conceito questionaria diversas práticas de design para empoderamento de comunidades amplamente difundidas. Pareceu-nos que discutir esse tipo de *autonomía* exigiria também que os designers considerassem outros tipos de designs, incluindo “designs do Sul” (ver, por exemplo: GUTIÉRREZ BORRERO, 2015; TUNSTALL, 2016) e uma descolonização do design (TLOSTANOVA, 2017).

A ideia da chamada começou como uma conversa apenas entre os três autores deste artigo (Alfredo, Andrea e Chiara). Uma conversa sobre (e através do) cruzamento de culturas, continentes, trajetórias e aspirações. Estamos localizados em e/ou vivendo na Colômbia, Finlândia, Itália e Brasil, e também vivemos em, e passamos por, outros países e lugares ao longo do processo. A chamada foi, portanto, uma maneira de provocar nossos colegas a pensar em um conceito que nos pareceu intrigante e com o qual nos preocupamos. Queríamos discutir este posicionamento particular tanto com acadêmicos que compartilhavam nossa perspectiva quanto com aqueles que não compartilhavam. A ideia era ampliar nosso entendimento sobre o tema da *autonomía* de maneira poli-local. Organizar uma Chamada de Trabalhos pareceu uma forma interessante de fazer isso, ao mesmo tempo em que nos permitiu conectar pessoas localizadas em diferentes lugares, trabalhando sobre ideias semelhantes ou relacionadas.

Entre outubro de 2016 e dezembro de 2017, vários acadêmicos ao redor do mundo juntaram-se a nós em nossa troca de ideias. Em primeiro lugar, recebemos os artigos submetidos e tivemos a oportunidade de ler e contribuir no trabalho destes autores. Em segundo lugar, também tivemos trocas de e-mail, conversas presenciais e videoconferências com outros acadêmicos interessados na chamada, que queriam discutir o tópico conosco. Começamos a nos perguntar: se várias vozes estão tentando discutir conosco fora dos artigos, como poderíamos incluir alguns destes pontos de vista - e outros - na rica troca que estávamos testemunhando sobre o tema da chamada de trabalhos? Como apresentado anteriormente, buscávamos reunir vozes e perspectivas de acadêmicos do Design comprometidos em valorizar a contribuição de diversas áreas, geográficas e intelectuais. Se direcionamos nosso esforço para a promoção de discursos de design mais ricos e inclusivos - como o design através da *autonomía* nos pede - não poderíamos tolerar não “mudar as formas como mudamos” (ESCOBAR, 2016, p. 140).

Entre dezembro de 2017 e junho de 2018, lançamo-nos na experimentação e no ensaio. Foi o momento em que o conceito de *polylogue* emergiu e começou a tomar forma. Queríamos estimular um processo de *polylogue* capaz de explorar formas criativas de entender, contribuindo para as ideias de cada um, e de escrever. Após os artigos científicos terem sido selecionados, reunidos e refinados, decidimos amplificá-los e fomentar a conversa, incluindo vários autores que trabalhavam com tópicos semelhantes. A fim de construir o *polylogue*, identificamos três etapas principais: compartilhar, trocar e evoluir.

No etapa “compartilhar”, contatamos alguns estudiosos do Design que consideramos serem vozes relevantes e rebeldes em relação a repensar o design, e que estão interessados em questões além do padrão civilizatório moderno, capitalista e ocidental - perspectiva subjacente à nossa chamada. Convidamos esses estudiosos a escrever “peças de uma conversa”. Cada peça poderia ser uma apreciação a partir da chamada (tanto concordando quanto discordando de aspectos dela) ou uma reflexão despertada pela própria chamada. O convite explicava que a peça teria que ser escrita de forma mais experimental do que científica. Alguns estudiosos aceitaram, alguns declinaram, alguns não responderam ao nosso convite - como é de se esperar ao se estar em um espaço aberto de produção de conhecimento. No final, dez pessoas aceitaram participar através de sete peças - algumas trabalharam juntas para produzir suas “peças de conversa”.

A etapa “trocar” começou quando recebemos a primeira versão das contribuições: nós as compartilhamos *online* com todos os colaboradores. Dessa forma, e provocados por nós, eles tiveram a possibilidade de ler uns as peças dos outros. Pedimos a todos que reagissem e contribuíssem nas peças dos demais, da maneira como preferissem (por exemplo, comentando uma passagem, destacando algo, fazendo uma pergunta, etc.). Algumas trocas contribuíram com ideias e referências adicionais (Figura 1), outras planejaram colaboração adicional (Figura 2) e outras reiteraram suas ideias e pensamentos (Figura 3).

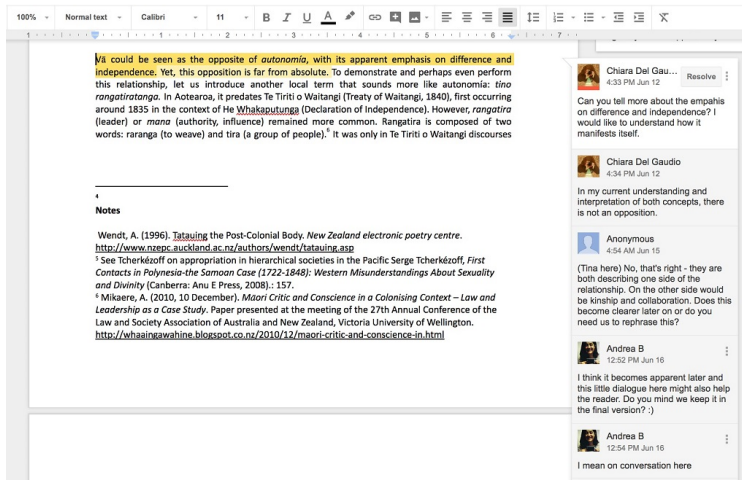


Fig. 1: Captura de telas do processo do *polylogue*: conectar, expandir, comentar (esta não é a diagramação final). Fonte: Autores, 2018.

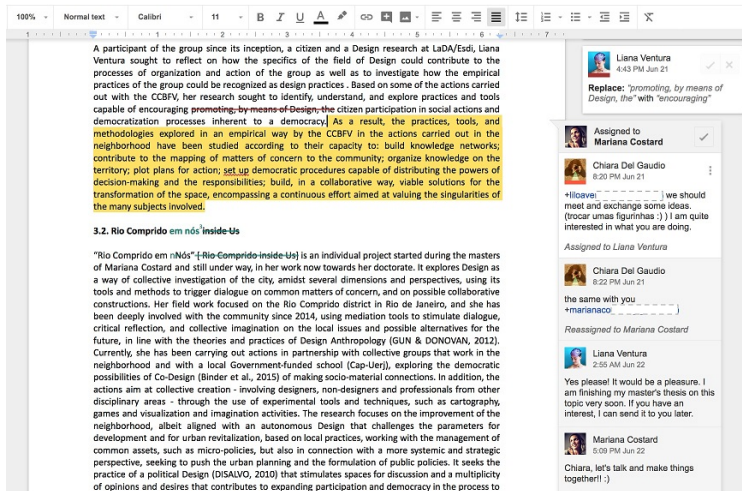


Fig. 2: Captura de telas do processo do *polylogue*: conectar, expandir, comentar (esta não é a diagramação final). Fonte: Autores, 2018.

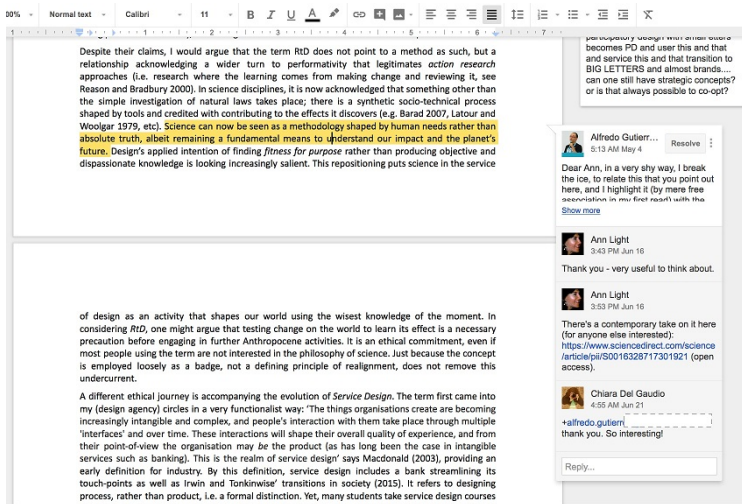


Fig. 3: Captura de telas do processo do *polylogue*: conectar, expandir, comentar (esta não é a diagramação final). Fonte: Autores, 2018.

Na etapa seguinte, “evoluir”, os autores tiveram a possibilidade de voltar às suas contribuições originais e desenvolvê-las com base nas reflexões provocadas pelos comentários. Produzimos a versão final do *polylogue* tecendo as últimas versões das peças com fragmentos das conversas ocorridas.

O *polylogue* é composto por sete peças: *Autonomous design and the emergent transnational critical design studies field*, por Arturo Escobar; *Ideas of Autonomia: Buzzwords, Borderlands and Research through Design*, por Ann Light; *Design, Development and the Challenge of Autonomy*, por Barbara Szaniecki, Liana Ventura e Mariana Costard; *Autonomy, collaboration and light communities. Lessons learnt from social innovation*, por Ezio Manzini; *Moving forward together*, por Rosan Chow; *Autonomía, the vā, tino rangatiratanga and the design of space*, por Anna-Christina (Tina) Engels-Schwarzpaul e Leali'ifano Albert Refiti; *Design, a 'Philosophy of Liberation' & Ten Considerations*, por Tony Fry.

O *polylogue* é composto pelo lugar, pela combinação destas peças, pelos fragmentos dos nossos comentários, tornados públicos, e por uma introdução que escrevemos (*Towards a polylocal polylogue on designs and autonomías - an intro*).

4 Discussão e considerações finais

A seção anterior descreve a arqueologia do nosso *polylogue* polilocal, apontando alguns momentos decisivos de concepção e evolução. Em relação ao que ele representou e representa em termos de produção de conhecimento participativo e colaborativo dentro do design, o *polylogue* é tanto um processo quanto um resultado. Além disso, pode ser entendido também como uma atividade de design aberta e interminável entre várias pessoas que avançam, experimentalmente, em um nível teórico e empírico através de um processo de compartilhamento e abertura de atividades de pesquisa e projetos de design. Deste processo, destacam-se duas características principais: experimentação e participação. Ambas devem ser consideradas por qualquer pessoa interessada em realizar atividades inclusivas de produção de conhecimento acadêmico. Abordado como experimentação em formas alternativas de produção de conhecimento, um *polylogue* deve estar mais interessado na participação do que no controle. Concordando com Vine Deloria Jr., que escreveu que "experimentação é participação; o conhecimento é uma expansão de nossa capacidade de formular e compreender nossas relações com o cosmos" (2012, p. 57), pensamos que experimentar é participar, com consciência de si mesmo como um todo. A esse respeito, vemos várias maneiras pelas quais o *polylogue* fez avançar nosso processo de produção de conhecimento mútuo.

Em primeiro lugar, criou uma "**poligamia comunicativa**" que nos permitiu estabelecer relações comunicativas frutíferas (casamentos de ideias) entre discursos. Os textos foram abertos ao escrutínio, ideias foram destacadas, comentadas ou questionadas, às vezes, devagar, às vezes, rapidamente. Embora nem todos contribuíssem, muitos incorporaram algumas reflexões em suas versões subsequentes. Comparada a uma revisão por pares mais tradicional, a poligamia comunicativa é um processo iterativo mais participativo e mais reativo. Como as comunicações são curtas, elas deixam rastros, são identificáveis, e algumas combinações interessantes de reflexões emergem (e potencializam colaborações futuras). Por meio da poligamia comunicativa, um *polylogue* parece capaz de promover o avanço e a evolução de ideias de maneira participativa: os artigos não estão lá para serem avaliados, mas para serem acompanhados.

Em segundo lugar, ao longo do período de atividade do *polylogue*, as peças funcionaram como uma plataforma para uma "polifonia de posições" e disposições. Compartilhamos diferentes pontos de vista sobre a ideia de design e de *autonomía*. Isso foi feito em termos conceituais, mas também espaciais e temporais, já que aqueles que participaram estão ainda em diferentes países. Também falamos e escrevemos em um "inglês internacional" temperado com diferentes sabores e sons idiomáticos (português, espanhol, italiano, samoano e alemão). Todas essas posições foram mantidas vivas pelos *timestamps* dos nossos comentários, pelas notificações em nossos e-mails e pelos bits na tela. A polifonia, no entanto, foi talvez mais audível para aqueles que participaram em tempo real, do que para os futuros leitores da revista, que não poderão ter acesso à totalidade do espectro.

Em terceiro lugar, ao descrever esta configuração "final", ou este encontro "cosmopolita" de pessoas de diferentes lugares, o *polylogue* também articulou, por determinado tempo, um fórum policardinal de praticantes de design que estavam, às vezes, distantes, e outras vezes, polilocados. Ler, escrever e reescrever manteve algumas das orientações geográficas vivas, mas também nos aventuramos a propor que, após este exercício, estaríamos melhor posicionados para além das posições Norte, Sul, Leste e Oeste.

Portanto, para nós, toda a edição especial e o *polylogue* funcionaram através de uma abordagem intercultural, bem como um tipo de design intercultural (GUTIÉRREZ BORRERO, 2018, 2014), que abrange níveis de conhecimento e realidade (baseado no entendimento dos nossos mundos, na produção sobre o conhecimento, na exploração de como agir e agir dentro deles). Uma simulação ao vivo de uma conversação múltipla, que aspiramos continuar expandindo, tanto em frequência, quanto em número de interlocutores.

Como formato e processo, nosso *polylogue* atual também apresenta limitações e restrições que devem ser reconhecidas. Em fase com os prazos de produção e com o fato de que o processo começou apenas no meio do processo editorial do número especial, aconteceram inúmeras complicações com outros processos que estavam fora do nosso controle. Como em qualquer projeto interinstitucional (DILLE; SÖDERLUND, 2011), o tempo continua sendo uma variante da qual é difícil escapar. Os diferentes ambientes organizacionais de cada colaborador e suas próprias temporalidades específicas levaram a um desajuste temporal, comum neste tipo de projeto. Isso significa que, nesta situação, os processos participativos não podem ser totalmente desenvolvidos e podem até ser dificultados (DEL GAUDIO; FRANZATO; OLIVEIRA, 2017). A esse respeito, não só poderíamos ter dedicado mais tempo à participação, comentando e destacando, mas também, com mais tempo, teríamos podido projetar e experimentar um processo mais adequado a nossas diferentes temporalidades.

Para alguns participantes, a abertura do *polylogue* a qualquer tipo de contribuição sobre o tema da edição especial funcionou como uma limitação. Conforme nos relataram, alguns acharam difícil contribuir com reflexões sobre questões abordadas por outros participantes, distantes de suas próprias questões. Em outras palavras, eles não puderam (ou não se sentiram confortáveis em) deslocar seu próprio foco ou perspectiva

sobre o t3pico e abri-lo para outros focos. Como resultado direto dos participantes que n3o comentaram, alguns colaboradores receberam menos *feedback* e sugest3es sobre seu trabalho do que outros.

Embora a poliniza33o cruzada de ideias tenha ocorrido com base nas contribui33es recebidas, ao final, a natureza autoral do conhecimento produzido ainda era predominante. O processo foi mais colaborativo do que participativo. Decidimos publicar as conversas como contribui33es individuais, embora no in3cio do processo tenhamos mantido o formato final de sa3da em aberto. Ao final, pareceu mais correto com o esp3rito do processo deixar claras as atribui33es, tra3os e trechos das conversas paralelas vivas nas vers3es finais. Desta forma, quisemos mostrar como as vozes se entrela3aram e produziram uma polifonia, embora ela possa ter sido mais aud3vel para n3s mesmos. O nosso compromisso parcial de enfrentar o desafio de uma produ333o multi-autoral tamb3m teve que lidar com (e enfrentar) as possibilidades limitadas dos meios bidimensionais (a p3gina), um espa3o que n3o 3 necessariamente prop3cio para hospedar e representar um processo multidimensional polif3nico polilocal.

No futuro, esperamos continuar experimentando e ensaiando com novos formatos, processos e *polylogues*. Os primeiros passos incluir33o a explora33o de como abrir o *polylogue* para mais pessoas, ampliando-o em alcance e profundidade. Devemos tamb3m investigar e ensaiar como o *polylogue* pode apoiar uma discuss3o mais aberta e com uma discord3ncia de t3picos controversos com perspectivas conflitantes. A ideia de ensaio cont3nuo 3, particularmente, apropriada para descrever o que precisa acontecer a seguir. Sentimos e pensamos que, enquanto trabalh3vamos em ingl3s (e n3o na l3ngua materna de muitos dos envolvidos no processo), tro3amos, fizemos buracos e nem sempre nos entendemos uns aos outros. Mas talvez, um dia nos entenderemos, e isso ir3 ecoar em outros cen3rios e p3blicos. Finalmente, projetamos e trabalhamos no *polylogue* com a aspira33o de encorajar outros processos similares. Talvez, outros ensaios j3 estejam em andamento. Portanto, consideramos este artigo apenas como mais um passo no caminho de ensaiar uma polifonia polilocal na produ333o de conhecimento acad3mico e, esperamos, al3m. Essas considera33es finais podem ser entendidas mais como um convite do que como um encerramento: estamos abertos a explorar mais as possibilidades do *polylogue* com todos que se interessarem, e que busquem fazer crescer o coro policardinal do design!

Refer3ncias

3LVAREZ ROMERO, F. A. Pol3logo de saberes en el dise3o industrial: Intuici3n, t3cnica, tecnolog3a y ciencia desde el dise3o del Sur. In: MORA FORERO, C. I.; GUTI3RREZ BORRERO, A. (Eds.). **Encuentros cardinales: acentos y matices del dise3o**: II Bienal Tade3sta de Dise3o Industrial. Bogot3: Universidad Jorge Tadeo Lozano, 2014. p.91-113.

BERG, M.; SEEBER, B. K. **The Slow Professor**: Challenging the Culture of Speed in the Academy. Toronto: University of Toronto Press, 2016.

BOTERO, A.; DEL GAUDIO, C.; GUTI3RREZ BORRERO, A. Call for Papers | Autonom3a: Design strategies for enabling design process. **Strategic Design Research Journal**, 2017. [online] Dispon3vel em: <https://www.academia.edu/33732265/Strategic_Design_Research_Journal_Call_for_Papers_Autonom%C3%ADa> Acesso em: 28 ago. 2018.

CHEN, H. The concept of the "polylogue" and the question of "intercultural" identity. **Intercultural Communication Studies**, v. 19, n. 3, p. 54-64, 2010.

DEL GAUDIO, C.; FRANZATO, C.; OLIVEIRA, A. J. The challenge of time in community-based participatory design. **Urban Design International**, v. 22, n. 2, p. 113-126, 2017.

DELORIA, V. J. **The metaphysics of modern existence**. Golden: Fulcrum Publishing, 2012.

DILLE, T.; S3DERLUNDJ. Managing inter-institutional projects: The significance of isochronism, timing norms and temporal misfits. **International Journal of Project Management**, v. 29, n. 4, p. 480 - 490, 2011.

ESCOBAR, A. **Autonom3a y Dise3o**: La realizaci3n de lo communal. Popay3n: Universidad del Cauca, 2016.

ESTERMANN, J. **Filosof3a andina**: sabidur3a ind3gena para un mundo nuevo. La Paz: ISEAT, 2006.

ESTERMANN, J. **Si el Sur fuera el Norte**: Chakanas interculturales entre Andes y Occidente. La Paz: ISEAT, 2008.

P3REZ-BUSTOS, T. "No es s3lo una cuesti3n de lenguaje": Lo inaudible de los estudios feministas en Am3rica Latina en el mundo acad3mico anglosaj3n. **Scientiae Studia**, v. 15, n. 2, p. 59-72, 2017.

GUTI3RREZ BORRERO, A. Dise3os de los Sures: una actualizaci3n. In: MORA FORERO, C. I.; GUTI3RREZ BORRERO, A. (Eds.). **Encuentros cardinales: acentos y matices del dise3o**: II Bienal Tade3sta de Dise3o Industrial. Bogot3: Universidad Jorge Tadeo Lozano, 2014. p.16-40.

GUTIÉRREZ BORRERO, A. Resurgimientos: sures como diseños y diseños otros. **Nómadas**, v. 43, p. 113-129, 2015.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. Introducing polylogue. **Journal of Pragmatics**, v. 36, n. 1, p. 1-24, 2004.

TLOSTANOVA, M. On decolonizing design. **Design Philosophy Papers**,v. 15, n. 1, p. 51-61, 2017.

TUNSTALL, E. Respectful Design AIGA. 2016. [online] Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sESVWI5aAHA&feature=youtu.be>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

VISVANATHAN, S. The search for cognitive justice. **Knowledge in Question**, n. 597, 2009. [online] Disponível em: <<http://www.india-seminar.com/2009/597.htm>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14